

Conversando com Maria Bernadete Assis e Lia Falsarella

A presente entrevista foi realizada remotamente pela plataforma Zoom, no dia 8 de julho de 2023. No encontro contamos com a presença das entrevistadas Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), e Lia Fátima Christovão Falsarella, membro efetivo da mesma sociedade. Participaram também a editora Ana Cláudia G. R. de Almeida e as editoras associadas Josiane Barbosa Oliveira, Maria Aparecida Garcia Galiote Brossi Pelissari e Renata Sarti. O tema abordado neste número oportunizou uma reflexão sobre a trajetória das Bienais de Psicanálise e Cultura realizadas pela SBPRP e suas repercussões que transformam e estimulam conhecimentos.

A Bienal de Psicanálise e Cultura tornou-se ao longo do tempo um evento tradicional em Ribeirão Preto e região, já tendo sido realizadas seis edições de 2008 até 2023, nas quais podemos observar que nossas entrevistadas tiveram uma participação estratégica desde a concepção e proposta inicial do evento até a elaboração e realização de cada edição:

- I Encontro Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto – 5 a 8 de junho de 2008, tendo à época Maria Bernadete como coordenadora geral do evento e Lia como coordenadora da comissão científica. O tema foi “‘Alma, estás aí?’ Onipotência e desamparo do homem em travessia”.^[1]
- II Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – 13 a 16 de maio de 2010, nesta edição Maria Bernadete foi coordenadora da comissão científica. O tema foi “Paixões e paixões – viagem às nascentes do sentido”.
- III Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – 15 a 17 de maio de 2014, cuja coordenadora geral foi Lia, e a coordenadora cultural Maria Bernadete. O tema foi “Humor, verdade e psicanálise”.

1. Inspirado na questão “Alma, estás aí?” proposta por Julia Kristeva em *As novas doenças da alma* (J. A. D. Melo, Trad.; Rocco, 1993/2022, p. 13).

- IV Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – 19 a 21 de maio de 2016, durante a qual Maria Bernadete era presidente da SBPRP. O tema foi “Psicanálise e tecnologia – diálogos possíveis?”.
- V Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – realizada no formato on-line em encontros mensais de agosto de 2020 a março de 2021, nesta edição Lia já coordenava a comissão curadora permanente das bienais, que havia se constituído em 2017, justamente com a função de cuidar do patrimônio em que a bienal havia se transformado para a SBPRP. O tema foi “(Im)permeáveis fronteiras”.
- VI Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – realizada no formato híbrido de 18 a 20 de maio de 2023, nesta última edição Maria Bernadete e Lia não tiveram funções executivas na realização da bienal, mas já haviam deixado seu legado e, marcando uma presença afetiva, inspiraram toda a equipe organizadora do evento. O tema foi “Humanidades possíveis”.

A realização da presente entrevista com a especial participação de nossas colegas tornou-se assim um registro histórico afetivo da constituição desse evento/encontro tão caro a todos da SBPRP, já tendo alcançado reconhecimento e respeito para além das nossas fronteiras regionais.^[2]

Ana Cláudia (SBPRP): Em nome da *Berggasse 19*, da SBPRP, agradeço a presença da Lia e da Maria Bernadete, nossas queridas colegas de Ribeirão Preto. Estamos muito felizes em recebê-las na nossa revista, que é uma casa brasileira da psicanálise no interior do Brasil. Este é um encontro “em casa” mesmo, com gente da casa e um tema especial e muito caro para nós em Ribeirão Preto, as bienais de psicanálise. No ano de 2023, em parceria e sintonia com a comissão curadora das bienais de Ribeirão Preto, a *Berggasse 19* propôs para seu primeiro número o mesmo tema da VI Bienal de Psicanálise e Cultura, “Humanidades possíveis”, a ser seguido pelo tema “Humanidades possíveis na sala de análise” no próximo número deste ano.

Desejamos abrir possibilidades de reflexão que possam seguir se aprofundando a partir da VI Bienal, acreditando que o tema é contemporâneo e tem a ver com as nossas sensações, angústias e inquietações a respeito do ser humano e das nossas possibilidades de ser e continuar sendo humano. Tendo em vista essa parceria, para a entrevista pensamos em fazer um trajeto histórico pelas nossas bienais, uma viagem no tempo, um passeio com vocês por esse evento que, como

2. Para maiores informações sobre a última e demais bienais, acesse o site <https://bienal2023.sbprp.org.br/>

eu disse, é muito precioso para nós como sociedade, como um grupo. Assim, esperamos que esta entrevista seja um documento histórico.

Muito obrigada mais uma vez pela presença generosa, é uma satisfação imensa recebê-las em nossa casa. Para conduzir a entrevista, convido a colega e também editora da revista Maria Aparecida Garcia Galiote Brossi Pelissari, a Gal, por um motivo muito especial: assim como vocês são pioneiras e idealizadoras das bienais, a Gal também vem acompanhando a bienal desde o início, em todas as edições. Assim, ninguém melhor do que ela na revista para conduzir esta entrevista. Vamos ao nosso passeio, à nossa viagem.

Maria Aparecida (SBPRP): Quero agradecer imensamente a presença da Maria Bernadete e da Lia, por terem aceitado o convite. Nós sabemos que a primeira bienal surgiu na gestão da Bernadete como diretora científica e da Lia como responsável pela comissão científica.^[3] Quero dizer da minha satisfação de fazer parte de uma sociedade que teve, naquele momento, a percepção de que o evento bienal de psicanálise e cultura poderia divulgar a psicanálise e a sociedade de Ribeirão Preto em nível nacional e internacional. Eu agradeço a vocês duas a idealização desse trabalho e do empenho em garantir o nascimento desse espaço em 2006/2007 e mantê-lo ao longo dos anos.

Ao propor essa interlocução da psicanálise com as outras ciências e com as artes em geral, vocês gestaram e criaram um espaço precioso que eu penso que não pode deixar de existir na assim chamada “psicanálise extramuros”, uma psicanálise na qual hoje a IPA,^[4] depois de tanto tempo, está abrindo espaço para a comunidade. Eu pude participar desde o começo e conduzir algumas comissões por ser da primeira turma da SBPRP, e portanto participei de todos os eventos que a sociedade fez. Inclusive tenho o privilégio de estar acompanhando todo o desenvolvimento e a ampliação dos temas durante o nosso desenvolvimento cultural.

Gostaria de convidar vocês duas para nos falar como nasceu esse projeto e do que inspirou essa ideia de interlocução, de divulgação tão ampla entre as várias culturas da nossa sociedade, que na época não tinha nem 100 membros. Era um projeto ousado, envolvendo toda a sociedade.

Maria Bernadete Assis: Como vocês disseram, acredito que a gestação dessa ideia, a possibilidade de compor, constituir e depois colaborar com o nascimento disso tudo, foi um momento muito especial da sociedade e daquela diretoria em particular, e por isso mesmo é que reverbera até hoje. Essa reverberação por 15 anos me parece também dizer respeito às condições de nascimento, que foram muito favoráveis,

3. Outros membros da comissão científica da I Bienal eram Josimara Magro Fernandez de Souza, Julio César Tadeu Chavasco Labate, Maria da Conceição Silva Ribeiro da Costa, Patrícia Rodella de Andrade Tittoto, Renata Sarti, Rosângela de Oliveira Faria e Silvana Maria Bonini Vassimon de Figueiredo.

4. Associação Psicanalítica Internacional.

especialmente pela união dos colegas todos. A bienal colaborou para que toda a sociedade se entrosasse, se integrasse e se empenhasse para que o evento pudesse acontecer – era a *nossa* bienal. Foi muito especial aquele momento, em que toda a sociedade se empenhou muito. Quanto ao princípio de tudo, o evento surgiu a partir de conversas e discussões da comissão ligada à diretoria científica à época.

A gente se reunia com alguma frequência, e uma das ideias foi justamente poder elaborar, pensar, projetar um evento que tivesse essa *abertura* – um termo importante aqui. Abertura da psicanálise para sociedade e para a cultura, e abertura no sentido de uma articulação, de “estamos juntos”, o que acredito que também se realizou de alguma forma. Outro termo chave nessa iniciativa era *ousado*. Como disse a Gal, éramos poucos membros, uma sociedade considerada pequena se comparada com a de São Paulo, então era uma ousadia pensar em alguma coisa grande, em convidar pessoas que eram ícones da cultura, da psicanálise, pessoas expoentes, e aí começamos a nos encantar com a ideia de que, sim, nós poderíamos ousar isso, sonhar isso. Nesse contexto, nos lembramos das bienais que aconteceram em São Paulo em anos anteriores à primeira que organizamos em Ribeirão Preto. Todos nós que tínhamos participado das bienais na capital nos encantávamos com elas, que justamente faziam essa articulação entre psicanálise e cultura. Eram mesas e palestras que tinham essa característica de não ficar restritas ao evento em si, como era mais comum com os eventos científicos, nos quais se falava de psicanálise “em psicanalês”. Nas bienais de psicanálise e cultura, não – as da sociedade de São Paulo eram abertas e tinham uma linguagem que muito nos enriquecia. Foram muito inspiradoras para nós, e pensamos em reproduzir ou organizar algo inspirados nessa ideia.

Lia Falsarella: Primeiro, gostaria de expressar a minha satisfação de estar aqui neste grupo, de participar dessa conversa, mais uma iniciativa relativa à bienal. Vejo esta nossa conversa como uma extensão disso tudo, do que tem sido a nossa experimentação da bienal, porque neste grupo todos temos algum tipo de envolvimento com esses eventos, e cada um de nós poderia dar o seu depoimento. Esta é uma das coisas muito valiosas que eu vejo nesse trabalho: agregar, juntar os colegas.

Lá no começo, como a Bernadete bem disse, a sociedade era bem menor, algo bem mais “familiar”, por assim dizer, então a bienal foi um movimento de agregação, de “vamos trabalhar juntos”, com todo mundo envolvido, empolgado. Gostaria de citar especialmente o envolvimento da Josimara Magro Fernandez de Souza, da Rosângela de Oliveira Faria, da Silvana Maria Bonini Vassimon de Figueiredo, do Júlio César Tadeu Chavasco Labate e da Cybelli Labate. Foi uma experiência inesquecível nesse sentido do trabalho em grupo, deixando um legado de esforço coletivo, de como é gostoso quando estão todos motivados, empenhados, e agregar esse entusiasmo é uma marca da feitura da bienal. Pensando no início de tudo, me lembro de que estávamos em uma reunião da comissão da diretoria científica tentando uma livre associação de ideias para esboçar o programa daquele biênio, e havia realmente forte inspiração na vivência

das bienais de São Paulo, que eram coordenadas pelo Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho, e das quais todos participávamos. O que me impressionava particularmente nesses eventos era ouvir outras falas, outros discursos – de filósofos, arquitetos, poetas –, o que era de uma riqueza, de uma perturbação positiva, que realmente marcava. Não saíamos de lá do mesmo tamanho que chegávamos.

Como a Gal e a Bernadete mencionaram, é uma articulação, uma via de duas mãos: tanto a psicanálise vai, se abre, se projeta de uma maneira mais expansiva, mais aberta ao meio cultural, como nós recebemos outros discursos. É isso que me impressionava, que me entusiasmou no começo e me entusiasma até hoje. Nos enriquece muitíssimo.

Maria Bernadete Assis: Gostaria de acrescentar também, pensando no que a Lia disse, que a palavra “bienal” normalmente se associa a cultura. Obviamente, trata-se de um evento que ocorre de dois em dois anos, mas, para além disso, associamos a cultura no sentido de sempre situar o evento: falamos em bienal de São Paulo, bienal de Veneza... Há aí uma associação com cultura e arte de modo geral, o que para mim também é importante. Essa interlocução para o psicanalista é uma coisa extraordinária, e a Lia usou uma expressão muito bonita para expressar isso, de que nós não saíamos daquelas bienais da mesma forma, “do mesmo tamanho”. É uma ampliação do universo mesmo, algo extraordinário – não só para os psicanalistas, a meu ver, mas para a comunidade.

Outro ponto importante a colocar aqui é que isso também acontece para a comunidade de Ribeirão Preto e para quem participa da Bienal de Psicanálise e Cultura. Percebo claramente as reverberações em quem participou da bienal, às vezes dentro do consultório, às vezes quando um amigo que foi, comenta a experiência comigo. Também aí parece ter esse efeito de não sair do mesmo tamanho que entrou. Então, nesse sentido, considero o evento muito especial; é inquietante, tem uma função de refletir as inquietações daquele momento, e ao mesmo tempo que inquieta, nos engrandece. Seja no sentido cultural, seja no pessoal, saímos diferentes de como entramos.

Ana Cláudia (SBPRP): Como vocês apontaram, não é propriamente um evento comum dentro da psicanálise como são outros, ainda que também sejam de boa qualidade. Me dá a impressão de que é praticamente uma experiência emocional, transformadora; uma bienal de arte é sempre perturbadora – se não for perturbadora, não aconteceu –, e eu vejo isso nas nossas bienais.

Gostaria que vocês comentassem mais sobre o que falaram de pioneirismo, ousadia, arte e cultura. Me parece que esses termos têm muito a ver com a marca identitária da nossa sociedade de Ribeirão Preto, porque fundar uma sociedade de psicanálise no interior de São Paulo era pioneirismo e ousadia. A nossa participação junto à comunidade sempre esteve muito marcada com

o diálogo entre a arte e a cultura, então, esses termos que vocês usaram me remeteram a uma marca de identidade da nossa sociedade, que nos identifica e nos diferencia de outras. O que vocês acham disso?

Maria Aparecida (SBPRP): Complementando o que a Ana disse, fico sempre muito emocionada quando se fala desses eventos e dessa interlocução. Para comentar a profundidade e a ousadia da I Bienal, na época eu fui em uma quitanda comprar verdura, e a quitandeira me falou que tinha lido em uma revista, não sei se na *Revide* ou em alguma divulgação, um texto escrito pela Bernadete no qual ela falava sobre a confecção da bienal, que se assemelhava a uma festa de colégio. Na ocasião, fiz uma associação com festa junina, uma quermesse escolar, em que todo mundo da escola participava. A quitandeira ficou encantada com isso e perguntou se eu fazia parte dessa sociedade. Ao responder que sim, ela disse: “eu dei para as minhas meninas lerem, porque achei muito interessante! Estudantes de colegial podem ir?”. Nesse dia, na quitanda, eu senti a penetração e a condição de ousadia e pioneirismo, foi uma experiência emocional que me tocou. Como a quitandeira chegou a ler aquela reportagem!?

Acredito que a condição da escrita e da divulgação é um requisito muito importante. A Bernadete tinha escrito de uma forma tão delicada e tão preciosa que todo mundo podia identificar aquilo com um evento muito comum, muito popular, como uma festa em escola de segundo grau. E as filhas dela realmente foram à bienal. E dentro desse pioneirismo se atingem os outros usando a linguagem corrente, não o psicanalês, mas uma forma de escrever que atinja a todos. Gostaria que vocês soubessem dessa vivência e que pudessem falar um pouco sobre isso.

Maria Bernadete Assis: Que depoimento bonito, você nunca tinha me contado. E acho que me ajuda a falar um pouco da pergunta da Ana – será que é uma marca da nossa sociedade? – porque primeiro pensei em uma coisa, mas agora pensei em outra. Me ocorreu que tem aí uma coisa de interior. Uma vez escrevi algo assim a respeito de uma festa de escola – era uma experiência lá de Ituverava, minha cidade de origem, de uma escola estadual em que ocorriam festas cívicas, como do Dia da Independência, ou dia da cidade, em que toda a escola se mobilizava para fazer carros alegóricos e um desfile na avenida. É um tipo de situação de que desde pequena eu participei – de que todos participavam, colaboravam, trabalhavam, com muito empenho e com muito gosto. Certamente essa não é uma experiência só minha, tem muito a ver com a experiência interiorana, de uma comunidade que se integra e se empenha para a realização de um projeto que é de todos. Naquela situação não tinha esse peso divisório entre o professor, o diretor, o pai de aluno, todos pareciam iguais, todos trabalhavam juntos, todos estavam empenhados. Isso me parece ser algo que trazemos em nossa constituição, faz parte do nosso ser, e isso aparece quando

estamos em uma outra comunidade – no caso, uma sociedade de psicanálise. É algo que vem do gosto de todo e cada indivíduo por trabalhar, e é por isso que conseguimos organizar um evento desse.

Por outro lado, em termos de origem, também fomos todos formados ou estávamos nos formando na sociedade de São Paulo, então os dirigentes da SBPRP tinham sido membros da SBPSP, e essa interlocução de psicanálise com arte me parece ter muito a ver com a comunidade paulistana. Não por acaso nos inspiramos nas bienais de lá, porque, como sabemos, é uma cidade que respira cultura e arte. Em qualquer final de semana está ocorrendo alguma exposição em algum lugar, algum museu, é uma cidade que respira tudo isso, algo que percebíamos dentro da sociedade. Como interiorana, eu às vezes até ficava constrangida quando perguntavam – não em seminários, mas em situações mais informais, em um café, por exemplo – de um concerto ao qual não fui. Então acredito que essa origem em São Paulo, com sua multiculturalidade, também compõe o fato de que a psicanálise aqui tenha nascido com essa marca.

Lia Falsarella: Definitivamente concordo com tudo o que falaram, e em relação a isso acho que realmente o nosso grupo, enquanto sociedade, tem essa característica muito marcante de entrosamento e envolvimento com a área artística, essa abertura a outras áreas da cultura. Lá atrás estávamos tateando, construindo tudo sem saber exatamente no que resultaria, mas trazíamos esse fio condutor de que a Bernadete está falando, essa herança de formação em São Paulo.

Isso me remete também à ousadia daqueles primeiros tempos, como foi mencionado, porque as bienais da capital eram eventos gigantescos, em todos os sentidos, e nós aqui nos perguntávamos como se faz uma bienal. Partimos de uma ingenuidade total, e os nossos instrumentos eram todos bem precários mesmo, então foi muito interessante essa ousadia, esse “vamos ver o que acontece”, “vamos descobrir”, e contamos com uma colaboração extraordinária dos colegas de São Paulo que tinham mais experiência com isso. Eu me lembro das opiniões e indicações excelentes da Marilza Savioli, professora nossa que organizava os grupos de filosofia com vários de nós. E me lembro também da felicidade que foi “descobrir o nosso entorno” – isto é, para além de convidados expoentes, que estavam também nos encontros de São Paulo, descobrimos muitas pessoas incríveis da nossa região. A exemplo, o professor Haquira Osakabe, com quem eu acabei tendo uma proximidade maior posteriormente. Na época éramos quase vizinhos, mas eu só o conheci na sociedade. Então foi realmente um momento muito interessante e prazeroso de descoberta, desvendamento e envolvimento.

Fizemos a I Bienal em aberto, a meu ver por ser a primeira mesmo, e em boa parte devemos isso à Maria Bernadete enquanto diretora científica da época, que apoiava as ideias ousadas. O depoimento da quitandeira me fez lembrar de mesas como a do João Roberto, famoso chef de cozinha de nossa cidade que convidamos para montar uma mesa com manjeriço, legumes, entre outras coisas, ambientando

sua apresentação com o que era familiar ao seu trabalho. Quem idealizou e coordenou essa mesa junto do João Roberto foi a Rosângela de Oliveira Faria. Realmente foi uma experiência de descobrimento.

Maria Bernadete Assis: Falando em ousadia, é importante citar o presidente à época, Pedro Paulo de Azevedo Ortolan, que foi uma figura fundamental justamente nesse apoio e incentivo à ousadia de fazer o evento, de convidar as pessoas. Sempre que nos perguntávamos se daria para fazer algo ou não, se haveria dinheiro ou não, era um “vamos!” da parte dele. É muito importante para eventos desse tipo que a diretoria esteja entrosada e ousada também.

Eu me lembrei de uma outra coisa que caracterizou essa primeira bienal e que, como eu disse no princípio, acho que de alguma forma ressoa por todas elas. Não sei se foi exatamente com a comissão científica da bienal ou dentro da diretoria científica, mas resolvemos que as mesas não teriam um título descritivo – por exemplo, “psicanálise e educação”, “psicanálise e gastronomia”, “psicanálise e arquitetura”... Em vez disso, eram frases e expressões que se relacionassem ao tema da mesa.

Até hoje me lembro de estar lendo poesia em busca de alguma frase que se encaixasse com cada uma. Só para citar alguns exemplos de que me lembro bem, um dos nomes pensados para a mesa de psicanálise e música era “Som, ruído e silêncio”, inspirado em um capítulo do livro *Semiótica da canção: melodia e letra*, de Luiz Tatit.⁵ Depois teve uma mesa de psicanálise com arquitetura, composta pelo Guilherme Teixeira Wisnik, com o nome “O suporte é a linha do horizonte” – vejam que coisa mais bonita. O nome da mesa de psicanálise e educação foi “De que amanhã se trata”, inspirado no título do livro *De que amanhã...*, do Jacques Derrida com a Elisabeth Roudinesco. Essa foi uma marca da I Bienal que considerarei muito importante e permanece presente. Isso traz para cada um envolvido ali essa experiência de tentar ver, ler e pensar, uma experiência pessoal, como disse a Ana Cláudia, de se envolver com alguma coisa – um livro, uma poesia, uma música –, e isso fica dentro de nós permanentemente.

Maria Aparecida (SBPRP): Vejam só como é importante a gestação, o planejamento, a identidade que se busca ter. Vocês estão trazendo um pouco para nós da identidade que vocês buscavam – com o próprio nome “bienal”, que associamos com cultura; uma identidade própria que não fosse só do interior, mas que desse uma cara para a SBPRP. Pelo que vejo em diferentes grupos, hoje a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto é reconhecida no Brasil inteiro pelas bienais como uma identidade da nossa sociedade.

Há também uma primorosa leitura contemporânea e antecipatória que as bienais fazem dos acontecimentos do mundo. A Lia coordenou a III Bienal, de 2014, que tinha como tema o humor, e humor era algo muito importante naquele momento.

Depois houve a bienal sobre tecnologia, e assim nós vamos antecipando o que

5. Ao final, porém, optou-se por “Nota fundamental” como nome oficial.

tem acontecido, inclusive na bienal deste ano, convidando as sociedades para poder pensar o mundo, os movimentos que têm ocorrido, como o caso com os refugiados. Agora gostaria que a Lia falasse um pouco sobre o humor, que foi tão importante trazer diante da tecnologia junto com a psicanálise. O humor é um tema pouco visto em nossa área, então gostaria que você falasse um pouco da construção dessa ideia na III Bienal.

Lia Falsarella: O título daquela bienal era “Humor, verdade e psicanálise”, e a meu ver a palavra “verdade” faz uma ligação entre os outros dois termos nesse título. Foi uma bienal que ocorreu num outro momento da sociedade. Ela já era um pouco maior e lidava com outras questões, com alguns problemas, mas foi uma bienal inspirada e tentava articular as ideias de abertura, porque a noção do humor como um link entre psicanálise e verdade inspirava justamente uma abertura. Eu não me lembro exatamente de como surgiu a inspiração para esse tema, mas tenho a impressão de que fui eu mesma que propus, porque o humor é uma questão muito interessante, podendo ser inclusive um instrumento da psicanálise. De certa forma, ele tanto pode negar a verdade quanto nos aproximar de uma verdade – e na maioria das vezes, quando bem manejado, ele nos aproxima dela.

Inclusive me lembro de um personagem que exploramos muito em nossas reflexões no preparo da bienal: o bobo da corte, que é central nesse tema. Os bobos da corte eram aqueles que falavam a verdade, que estavam autorizados a dizer a verdade em situações e contextos em que os outros se calavam, cedendo ao temor. Além disso, havia também a importância de dar uma abertura para o riso, porque o riso é subversivo. Então a bienal tinha mesmo essa ideia de ser provocadora.

Maria Aparecida (SBPRP): Ousada, não é? Foi *ousada*, pensando novamente na palavra que a Ana trouxe. Eu me lembro da sua delicada ousadia quando você fala do bobo da corte, uma figura que naturalmente não é protagonista, mas que revela, que traz alguma coisa. Foi muito ousado, muito delicado falar a verdade de uma forma pioneira para nós, saindo um pouco da interpretação daquilo que é caro para a psicanálise, mas trazendo a possibilidade de as pessoas identificarem e simbolizarem através do humor.

Eu lembro claramente que a Bernadete tinha convidado um grupo de pessoas para entregar algumas tirinhas na abertura da bienal. Eram um grupo de teatro, responsáveis pela recepção do evento, que ocorreu no campus da Faculdade de Direito.^[6] Estavam vestidos a caráter de teatro – não eram os bobos da corte, mas traziam algo muito delicado, traziam uma verdade sem ser violentos, sem ser contundentes. Vejo isso como uma ousadia delicada, como é próprio da sua forma de se apresentar, porque a bienal também acaba tendo a identidade de seus coordenadores.

6. Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FDRP-USP).

Como a Bernadete estava coordenando a comissão cultural e a Lia estava na coordenação geral da diretoria científica, gostaria de deixar esta interrogação: como a delicadeza e a ousadia do humor e suas identidades se articularam com a coordenação?

Maria Bernadete Assis: Além desse grupo de teatro, não sei se vocês se lembram, tinha um rapaz de perna de pau, e eles entregavam envelopes com tirinhas da Mafalda. A meu ver a Mafalda representa muito isso que a Lia falou sobre a confluência entre humor e verdade, é uma personagem excelente para falar verdades de uma forma bem-humorada. Essa Bienal foi muito especial por ter essa articulação entre humor e verdade, acho isso bem importante. Sobre a repercussão dessas bienais, de que falei há pouco, tanto na comunidade psicanalítica quanto na não psicanalítica, em processos seletivos para os institutos da sociedade é comum vermos em muitos currículos e biografias depoimentos de que o candidato decidiu participar e se inscrever para ser membro da sociedade depois de ter ido a um dos eventos. Me lembro particularmente que essa bienal sobre humor e verdade inspirou vários dos colegas que temos hoje a entrar no processo seletivo.

Josiane Barbosa Oliveira (SBPRP): Algo que gostaria de comentar também é o aspecto fértil das bienais, a quantidade de pessoas que se inscrevem, como a Bernadete mencionou. Com esses eventos, a sociedade se abre para um convite. O pessoal do teatro, a pessoa de perna de pau e tudo mais me remeteram à chegada do circo na cidade antigamente, sempre com um convite muito alegre – “o circo chegou, venham aqui hoje à noite, será um espetáculo”. De certa forma a Bienal faz esse convite para a comunidade: “vejam o que nós conseguimos tirar de uma música”. Eu me lembro de quando o Tatit se apresentou; uma amiga, que é professora, disse que nunca tinha pensado uma música daquele jeito. É realmente surpreendente, assim como em cinema e psicanálise.

Toda bienal é muito fértil, a meu ver. Muitas vezes houve grupos de filosofia, outros de poesia, que se originaram a partir do evento. Depois da V Bienal, de 2020, por exemplo, surgiu o grupo “Mal-estar na cultura”, que deu origem ao Programa Sankofa.^[7] São muitas as fertilizações iniciadas nas bienais, um aspecto muito interessante. E muito do que Lia e Bernadete falam do passado é presentificado, ainda hoje, a cada bienal.

Lia Falsarella: Com certeza. A Josi tocou em um ponto extremamente importante – inclusive poderíamos falar num amadurecimento na lida com a bienal. Eu diria que na I Bienal o trabalho de bastidor era intenso. Como a Bernadete falou,

7. Programa Sankofa é um grupo formado por membros da SBPRP para estudar, debater e propor formas de pensar e lidar com a realidade do número baixíssimo de pessoas negras, pardas e indígenas na formação psicanalítica. Já está em andamento um programa de letramento racial, bem como de acessibilidade à formação psicanalítica para essa parcela da população até então excluída.

havia a criação de cada uma das mesas, um esforço realmente criativo, que depois se tornava reflexão, quando fazíamos publicações sobre cada uma delas em nosso boletim, que naquela época era bem pequeno. E me lembro que, enquanto a bienal estava acontecendo mesmo, nos sentíamos muito pequenos, porque o evento era gigantesco, com um monte de gente de outras áreas, com falas diferentes, e nós ali coordenando e preocupados em terminar bem a mesa.

Nesse sentido, eu percebo que ao longo desses 15 anos – quando a Bernadete disse “15 anos” eu me admirei, não imaginava que fosse tudo isso – houve um amadurecimento muito importante na feitura da bienal. Hoje eu percebo as pessoas mais diretamente envolvidas, já não se colocam a pequenadas diante de uma coisa gigantesca; estão ali articulando, ativamente participando da reflexão que a bienal leva. Eu percebo nitidamente esse movimento, que considero um amadurecimento.

Os legados efetivos das bienais que a Josi comentou – como o Programa Sankofa que surgiu na quinta edição e realmente se estabeleceu – se relacionam a isso também, e é algo que vem se tornando cada vez mais acentuado. Também isso reflete um amadurecimento nítido.

Maria Aparecida (SBPRP): As bienais também trazem possibilidades de nos prepararmos para o futuro, de certa forma. A IV Bienal foi sobre tecnologia, porque era um momento de jogos virtuais, de criança levar tablet para o consultório, todo um movimento já presente entre a psicanálise e a cultura. E quando chegou a V Bienal, tivemos que nos haver com a tecnologia na própria estrutura do evento por causa do advento da covid-19, essa tragédia da humanidade. De alguma forma, então, já tínhamos pensado, sonhado, refletido sobre o uso da tecnologia. E novamente foi uma ousadia de toda a comunidade se valer e aprender com a tecnologia, aprender como levar uma bienal via tecnologia para a comunidade. Naquele momento a Lia estava coordenando a comissão permanente da bienal, que projetou o evento on-line. A comissão permanente foi muito importante para poder dar sustentação à realização da V Bienal, e a própria comissão, criada na gestão do Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro, foi fruto desses eventos, cujo porte demandava essa organização maior.

Como a Bernadete falou, ela lê, está sempre atualizada, atenta aos movimentos sociais e culturais, então ela traz um pouco disso tudo à frente para nós, para nos prepararmos para os próximos eventos, inclusive para os impactos sociais, como tivemos que lidar com a covid-19, e agora com o tema de humanidades. Nesse sentido, gostaria que vocês descrevessem um pouco dessa mudança na cultura, na sociedade, e a presença da bienal nesse movimento tecnológico e em tudo que vem depois dele.

Maria Bernadete Assis: Essa pergunta me fez lembrar de um trechinho que está no fôlder da I Bienal: “A pergunta ‘Alma, estás aí?’ evoca a dúvida sobre o destino da

interioridade do homem na travessia desse início de século” – *evoca a dúvida sobre o destino da interioridade*. Me parece que essa bienal e as que se sucederam permanecem em torno dessa questão – qual o destino da nossa interioridade diante da novidade da revolução da informática? Nós tivemos, no final do século XX, a revolução da informática, e essa dúvida – onde estará, onde ficará nossa alma – permanece viva. Como disse a Josi, não são coisas do passado, são do presente, e permanecemos nessa questão.

Lembrando da II Bienal, de tema “Paixões e paixões”, ela também parece entrar nisso. Paixão, humor, como somos, de que jeito nós vamos deixando vivo aquilo que é essência do humano... As bienais vão nos lembrando disso, colaborando para que nós tenhamos experiências emocionais e reflexões a esse respeito.

Indo mais adiante, na IV Bienal, de psicanálise e tecnologia, a questão da primeira se apresenta expandida. Se antes a pergunta era “o que será que pode acontecer?”, agora já estava acontecendo, e a pergunta passou a ser “como estamos vivendo isso?”. Não só a tecnologia dentro dos consultórios, mas na vida, trazendo uma série de novidades, algo que, por um lado, causou um encantamento, porque trouxe para nós possibilidades nunca antes pensadas. O que estamos vivendo aqui hoje, por exemplo, a possibilidade de encontros, a aproximação das pessoas, a alteração dos espaços no sentido de podermos nos sentir perto de quem está longe... Hoje isso é possível, e aproveitamos muito. Posso conversar a distância com um paciente ou com um colega, fazer supervisão, assistir a uma palestra em qualquer lugar do mundo. É uma coisa extraordinária a questão do tempo e do espaço, e nos encantamos com isso.

Ao mesmo tempo, porém, nos assustamos. Ficamos perplexos com o que pode acontecer com a nossa interioridade, porque tudo isso acaba tendo um desdobramento preocupante, como a questão da intimidade geradora do ser. Nós somos gerados por uma intimidade entre o eu e o outro que é muito própria dos encontros presenciais, e talvez a perda dela seja a principal ameaça da tecnologia. Essa ameaça, de um lado, e os ganhos que ao mesmo tempo podemos ter com a tecnologia, de outro, têm sido um tema presente e debatido – até mesmo vivenciado, considerando que já tivemos a experiência on-line e híbrida nas últimas edições, vivendo as vicissitudes de cada uma delas.

A bienal, no meu entender, sofreu muito com a pandemia, e o fato de ela ter sofrido com a pandemia é uma representação de um evento que mostra como nós, humanidade, sofremos com essa situação e com a necessidade do afastamento e dos encontros on-line, perdendo algo da intimidade geradora do ser de que falei. Agora, na VI Bienal, o presencial parece ter voltado, mas é o primeiro depois de um impacto enorme, um impacto que se deu justamente porque perdemos a intimidade. Por mais que você aprenda com uma bienal exclusivamente virtual – e eu aprendi muito com ela –, falta o café, o estar junto, ver o outro, uma conversa de corredor, que igualmente fazem parte desse conhecimento. A parte cultural em especial perde muito na modalidade on-line. Essas trocas são fundamentais. Nessa última bienal, por exemplo, houve a sirene de alerta de possível bombardeio que tocou por oito

minutos antes da mesa “Por que, ainda, a guerra”. É completamente diferente ouvir isso sozinha em casa de estar com todo mundo no evento, com as luzes vermelhas. A experiência é outra.

Isso nos mostra o quanto perdemos, o quanto deixamos de viver com o on-line. Quero acrescentar também o que aconteceu com as crianças fora das escolas. Eu costumo dizer que não há nenhuma comissão de ética que autorizaria um experimento que propusesse tirar todas as crianças da escola, deixá-las em casa para assistir a aulas on-line e ver o que acontece – mas é o que foi feito por causa da pandemia, e nós estamos vendo as consequências disso: crianças que não se olham, não se pegam, não brigam e tudo mais. Sem querer ser pretenciosa, mas até nisso vejo que a bienal evidencia e revela aspectos do movimento da sociedade.

Ana Cláudia (SBPRP): Sua fala me lembrou que a Maria Vilani, ao iniciar sua apresentação em uma das mesas da V Bienal, comentou que estar realizando aquela mesa, naquela bienal, era uma marca da potência do evento, da potência humana de realizar daquela forma. E ainda complementou dizendo que quem de nós sobrevivesse à pandemia teria a função de aproveitar isso, falar disso, no sentido de ter o compromisso de seguir expressando essa potência.

Quando a VI Bienal traz o presencial de volta, como a Bernadete comentou, mas já propondo o formato híbrido, penso que se mostra essa potência. Precisamos continuar trabalhando, as crianças precisam voltar para a escola, e de alguma maneira a marca dessa potência da humanidade – que foi ferida, ameaçada de morte em nível de espécie, mas seguiu, sobreviveu – precisa ser levada adiante por nós que sobrevivemos.

Lia Falsarella: Pegando um gancho no que a Ana Cláudia falou e também no que a Bernadete comentou sobre o impacto, no sofrimento que foi o acontecimento da bienal durante a pandemia – tudo já pronto, preparado, e de repente tivemos que guardar tudo para poder seguir de um jeito completamente diferente –, vejo aí outro pioneirismo, outra ousadia. A coordenação dessa bienal, com a Josimara e todas as pessoas envolvidas, foi mesmo um trabalho extraordinário de enfretamento da situação. Mas, por incrível que pareça, essa bienal, com todo o sofrimento interno, teve ganhos no meu ponto de vista. Como se diz, quando enfrentamos uma crise corremos o risco, inclusive, do crescimento. Nesse sentido, vejo um resultado bastante positivo de amadurecimento nessa V Bienal.

Gostaria de fazer uma ligação com algo que a Gal observou também, mas de um outro ponto de vista. Eu mesma nunca tinha me dado conta dessa característica de contemporaneidade e certa antecipação da bienal. Se analisarmos vários dos temas que se sucederam dentro dessas seis bienais, realmente parece que encontramos isso. Mas a V Bienal, que teve de ocorrer de forma on-line durante a toda a crise da pandemia, foi talvez aquela em que mais tenhamos vivido e palpado essa qualidade

de contemporaneidade. A situação estava acontecendo fora e dentro do evento, era um espaço, como foi dito na conversa, de experiência emocional vivida – vivenciamos e refletimos ali mesmo sobre o conflito que ocorria à nossa volta. Esse é um movimento ativo que se dá de uma maneira muito intensa nas bienais, e principalmente as últimas têm explicitado muito isso. É um “exercício de contemporaneidade”, como diz o Giorgio Agamben, de estar ativo na vanguarda das crises, das questões que vão surgindo, inclusive em nosso entorno.

Isso me remete a uma ideia de que a bienal ocupa um lugar necessário: é necessário termos um espaço para o exercício crítico. Talvez a pergunta que fizemos lá atrás, “alma, estás aí?”, hoje tenha se tornado “e agora, o que estamos fazendo?”. Com que olhar crítico podemos examinar o que estamos fazendo? Em uma de nossas reuniões da comissão curadora, eu me lembrei de um professor da minha graduação – uma recordação muito antiga, mas que me pareceu muito apropriada – que costumava fazer uma diferenciação entre treinamento e formação. Ele dizia que no treinamento você aprende, do profissional com mais experiência, a executar alguma coisa tecnicamente. Na formação, da mesma forma você aprende o fazer, mas também se instrumentaliza para fazer a crítica do que você faz. Me parece que a bienal ocupa justamente esse lugar necessário para o exercício da crítica.

Ana Cláudia (SBPRP): Pensando nesse exercício de crítica, no que vocês falaram do humor e da verdade, e também nos riscos, me passaram pela mente os riscos envolvidos na própria bienal, nas propostas dos eventos: o risco de tratar da verdade, de nos aproximar da verdade com humor. Sempre há um risco, que está presente também no exercício da psicanálise e, de certa forma, na vida, mas isso é essencial em psicanálise. Eu me lembrei fortemente de quando a Lia falou a primeira vez sobre o tema “Humor, verdade e psicanálise”. Houve um silêncio na sala de um grupo, e alguém disse: “é um tema muito bom, mas muito perigoso”. É arriscado tratar disso, mas faz parte da essência da psicanálise – e as bienais dão também uma concepção do que é essencial para a psicanálise.

Maria Aparecida (SBPRP): Complementando esse ponto do humor, eu lembro que foi um momento também em que vinha à tona na sociedade o bullying e a seriedade disso no começo da década passada, o quanto nós falávamos em bullying usando-o como termo geral para racismo e outras questões relacionadas a populações vulneráveis, minorias, exclusão. Estávamos generalizando e até banalizando questões sociais e humanitárias, e isso também é algo a se discutir junto do humor. E o risco é permanente!

A meu ver, quando a bienal propõe um tempo para parar e refletir, para questionar como nós estamos, é como a Lia bem disse: tanto nós levamos algo para a comunidade como permitimos que a comunidade entre dentro da sociedade

e em cada um de nós – nas nossas atividades, nas nossas reflexões, em como nós estamos vivendo e conduzindo nossa vida pessoal, clínica, social e societária. Então é um tema de risco, um tema perigoso, como a Lia e a Bernadete disseram – isso são as humanidades possíveis.

Como vocês sonham e pensam o futuro das bienais? Gostaria de ouvir de cada uma as reflexões sobre esse espaço e esse tempo, dentro da contemporaneidade que é tão imprescindível para a saúde mental de todos – dos analistas, dos não analistas, da cultura, do homem, do homem em travessia.

Maria Bernadete Assis: A partir do que estamos conversando aqui, da experiência emocional que estou tendo aqui, penso que a Bienal precisa continuar, precisa seguir viva. Acho precioso o que a Ana Cláudia trouxe a respeito do risco porque, tal como nós experimentamos um risco com cada um dos pacientes, também o experimentamos enquanto pacientes nós mesmos. Quando nos aproximamos da verdade, podemos correr longe, nos afastar assustados, ou podemos aproveitar aquilo que está sendo dito, ou até as chamadas mudanças catastróficas em função da verdade que encaramos e da qual nos aproximamos. Isso que acontece dentro do consultório, na intimidade com os nossos pacientes e conosco enquanto pacientes, existe também na organização – e não só nela, mas na realização de uma bienal. É importantíssimo esse momento, esse fórum, esse lugar onde se refletem questões da contemporaneidade, mas é arriscado.

Da mesma forma, acredito que corremos o risco de que a bienal vá desaparecendo. É preciso organizar, dá muito trabalho, é muita discussão, às vezes acabamos nos desentendendo, fica difícil, ou fica muito caro... Toda essa materialidade, toda essa concretude é sinal de que nós estamos vivendo uma ameaça de que ela possa desaparecer, mas esta entrevista me faz pensar no oposto: ela precisa viver, e nós precisamos continuar de alguma forma alimentando isso – em nós mesmos, em toda a comunidade psicanalítica de Ribeirão Preto e fora dela também. A meu ver o futuro da bienal não está tranquilo, não é algo que dê para garantir. A Lia acabou de dizer que já temos um tema para a próxima bienal, e eu vejo essa vivacidade nesta conversa, mas talvez esta conversa precise se ampliar para toda a SBPRP para que consigamos mantê-la realmente viva, porque de fato é perigoso. A bienal traz verdades, e muitas vezes resistimos a elas.

Renata Sarti (SBPRP): O interessante dessa questão do risco é que ousadia e risco caminham juntos, e desde o começo da entrevista estamos falando de ousadia. Escutando sobre o futuro da bienal, me ocorreu que sempre estamos em risco com os futuros. Até mobilizada pela entrevista e pelo que vocês estão apresentando da própria história da bienal, de um jeito tão satisfatório, a mim parece que há um futuro favorável – desde que estejamos atentas. Esta entrevista, este encontro mostra a potência que as bienais têm, apesar dos cuidados que

temos que tomar, mas isso faz parte da história delas, e talvez da história da vida.

Lia Falsarella: De fato, vivemos isso sempre. Estamos constantemente nos perguntando até mesmo se nosso paciente virá à próxima sessão. Nós estamos acostumadas com isso. Hoje temos a comissão curadora em cada bienal, que está ali justamente para isso, para pensar o que vem acontecendo, pensar as dificuldades, refletir sobre os temas, examinar os caminhos que o evento está tomando e tudo isso. Concordo com a Bernadete quando ela diz que essas questões concretas que são levantadas são muito significativas para uma leitura que fazemos – o que é isso? O que está acontecendo? Até porque, na verdade, nós já fizemos bienais de todas as formas: durante a pandemia, ou sem praticamente condição financeira alguma – a III Bienal, sobre o humor, teve condições financeiras bem apertadas.

Percebemos o quanto há, por trás dessas questões concretas, outras questões que talvez se relacionem justamente àquilo que poderíamos argumentar como favorável à necessidade de que as bienais prossigam. Não é só a bienal que permite essa articulação, esse ouvir outros discursos, fazer a nossa crítica, nos situarmos, mas eu diria que ela tem um peso que nenhum outro evento tem de articular dessa forma. Ocupamos um lugar necessário, porque essa ideia da excelência da psicanálise fora do movimento cultural é muito questionável. De fato, a psicanálise, como qualquer outra manifestação da cultura, caminha junto com seu entorno. Nós temos uma escolha: ou caminhamos junto, de uma maneira ativa, fazendo a crítica, ou só nos deixamos levar. Realmente acredito que é um espaço a ser preservado. Precisamos cuidar dele, estar o tempo todo verificando seu encaminhamento, como as coisas estão se dando e o que podemos fazer para preservá-lo.

Maria Bernadete Assis: Isso que a Lia falou me faz pensar na criatividade e na sensibilidade deste conselho editorial ao propor esta entrevista. O resultado desta conversa me faz pensar que foi muito sensível da parte de vocês, uma intuição da necessidade de falarmos da história da bienal como uma forma de mantê-la viva. Não se trata somente de um arquivo, mas de um convite a viver e experimentar isso mais uma vez, para que se mantenha vivo. Então quero parabenizar o conselho editorial por ter pensado nesta entrevista. Eu não tinha noção de que este seria o resultado – talvez nem vocês –, mas é muito interessante. Saio emocionada ao pensar quão fundamental é a conversa sobre a bienal para que ela permaneça viva entre nós.

Ana Cláudia (SBPRP): Enquanto vocês falavam, me lembrei de três comentários durante a VI Bienal. O primeiro de uma colega psicanalista na mesa “Humanidades possíveis e o planeta Terra”. Ela disse que estava escrevendo um trabalho e, ao participar daquela discussão sobre o que era ser selvagem, primitivo, e o que era ser civilizado, percebeu que precisaria reescrevê-lo a partir das questões ali levantadas, tamanho o impacto do debate.

A seguir, um rapaz de 16 anos se levantou e fez uma pergunta, ainda nessa mesa, que me parece ter tudo a ver com o que nós falamos. Ele falou: “eu estou ouvindo tantas coisas, e eu queria pensar, eu queria saber: como é que nós vamos cuidar desse mundo para o mundo melhorar?”. Foi impactante ouvir um menino nos questionando sobre como cuidar do nosso planeta e da nossa humanidade a partir do que conversávamos.

E no final, na última plenária, uma moça que se beneficiou da nossa política de vagas gratuitas para negros, pardos, indígenas e migrantes – o que também foi inédito nas bienais –, se levantou e falou algo como: “eu fiz a inscrição através de cotas e passei o evento inteiro com medo de que alguém viesse me tirar daqui, porque eu não estava acreditando que pudesse participar de algo assim, e agora eu estou aqui”. Era a última atividade, a última plenária, e ela fez um agradecimento. Isso foi muito forte, suscitando novamente a questão da potência, de onde estamos chegando.

Antes de encerrarmos, gostaria de dizer que esses comentários da VI Bienal que me vieram à mente ao longo da entrevista estão justamente situados no presente, como disse a Josi. Eles expressam muito do que foi conversado, da beleza, do encantamento dessa experiência emocional que é participar de uma bienal, e de como precisamos dela. Muito obrigada por estarem aqui hoje e por terem estado lá no início também, se arriscando ao fazer história – a história de nossa instituição!

Maria Aparecida (SBPRP): Quero agradecer estes momentos férteis que tivemos e compartilhamos aqui. Agradeço a presença da Bernadete e da Lia, que se disponibilizaram a estar conosco num sábado pela manhã. Isso é uma generosidade de vocês, e é um privilégio poder estar aqui falando das bienais. Agradeço, enfim, a presença de todos por este momento em nome do conselho editorial da *Berggasse 19*. Estamos muito satisfeitos com estas reflexões. Muito obrigada!